

# ARMINDO BIÃO GRILO

Paulo Filipe Monteiro<sup>1</sup>

É com saudade que evoco um dos aspectos do Armindo Bião: a sua ligação profunda à cultura popular. Ele que foi o primeiro Presidente da ABRACE, Professor convidado em Paris, *Chevalier des Arts et des Lettres de la République Française*, Director-Geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, tinha toda uma pesquisa, teórica e prática, em torno da sua paixão pelo teatro de cordel, no qual justificadamente incluía muitos entremezes. Vem da sua infância, nos anos 50, quando na casa da Avó Dindinha ouvia o tio folgar com o seu trio nordestino e tomava contacto com os folhetos de feira, que lhe acenavam com um mundo maravilhoso. Na adolescência, dos 10 aos 15 anos, já em Salvador da Bahia, reencontrou o mistério do espectáculo da poesia e da cena, vendo um homem de chapéu de coco que se parecia com o Charlot contar, cantar e vender folhetos. E nos anos 60 testemunhou as primeiras experiências de João Augusto Azevedo no Teatro Vila Velha, que na altura iniciava um importante caminho de adaptação de folhetos da literatura de cordel brasileira para a cena. Armindo trabalhou com João Augusto entre 1967 e 1979, em vários espectáculos. Tomou-lhe o gosto, aos 28-29 anos fez de João Grilo no *Auto da Compadecida* Suassuna, e logo a seguir encenou a protagonizou uma adaptação do folheto de cordel *As proezas de João Grilo*. A seguir, no âmbito do Teatro Livre da Bahia, continuou a adaptar folhetos de cordel para a cena. Ganhou mesmo o Troféu Martim Gonçalves de Melhor Actor do Teatro baiano, em 1980.

Como universitário, até ao final trabalhou sobre esta sua paixão. A pesquisa do Prof. Armindo foi ganhando um nome e um recorte epistemológico: a *etnocenologia*, que viu recentemente os seus paradigmas fortalecidos com a adopção pela Unesco do conceito de património cultural imaterial. Foi uma adequada ciência para o Armindo Bião, que nunca esqueceu o seu tal grilo falante. É que a Etnocenologia quer juntar teoria e prática, acção e reflexão, tradição e contemporaneidade, criação e crítica, arte e ciência. Um dos livros do saudoso Bião cita um folheto da autoria de um poeta popular contemporâneo, que põe em diálogo a ciência e a sabedoria popular:

“As duas se complementam  
Se equivalem, também  
Quando uma está ausente  
Quem procura a outra tem  
Uma sempre anda na frente  
Sabendo que a outra vem”

A outra vem, de facto, sobretudo quando se tem esta postura wittgensteiniana, que Bião parece partilhar ao procurar não isolar o discurso científico, ligá-lo ao discurso popular quotidiano.

Lisboa, 01 de outubro de 2013

<sup>1</sup> Professor Doutor da Universidade Nova de Lisboa - Portugal.

